

## O ESPAÇO FECHADO NA OBRA DE SADE: LIBERDADE DE AÇÃO\*

THE CLOSED SPACE IN SADE'S WORK: FREEDOM OF ACTION

Elizângela Inocência Mattos\*\*

### RESUMO

O presente texto tem como objetivo tomar a dicotomia natureza e cultura na obra do Marquês de Sade, reforçando sua importância na história das ideias, como um autor de fronteiras, determinante em seu século e nos posteriores a ele, visto a riqueza de sua reflexão acerca do humano e sua relação com o modo de pensar na sociedade de seu tempo. Sua filosofia, pautada no tudo dizer, imprime uma ação com o ímpeto de libertar o indivíduo dos preconceitos e valores alheios à própria composição de si, à determinação da natureza e a estrutura físico-química de cada um, que por si mesmas justificam o predomínio do egoísmo inerente. Ademais, cumpre demonstrar o espaço fechado como lugar de liberdade e ação do libertino, assim como de realização do projeto educativo professado por ele. Analisar como o espaço fechado cumpre o papel de possibilitar o encontro com a verdade de si compõe o objetivo central do presente texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sade; espaço fechado; liberdade; ação; natureza

### ABSTRACT:

This text aims to examine the dichotomy between nature and culture in the work of the Marquis de Sade, reinforcing its importance in the history of ideas, as a boundary-pushing author who was influential in his century and those that followed, given the richness of his reflections on humanity and its relationship with the way of thinking in the society of his time. His philosophy, based on saying everything, imprints an action with the impetus to free the individual from prejudices and values alien to their own composition, to the determination of nature and the physical-chemical structure of each one, which in themselves justify the predominance of inherent selfishness. Furthermore, it is necessary to demonstrate the closed space as a place of freedom and action for the libertine, as well as for the realization of the educational project he professed. Analyzing how the closed space fulfills the role of enabling the encounter with the truth of oneself is the central objective of this text.

**KEYWORDS:** Sade; space closed; liberty; action; nature.

---

\* Artigo recebido em 25/03/2026 e aprovado para publicação em 06/06/2026.

\*\* Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, professora na Universidade Federal do Tocantins - UFT. Email: [elizangelamattos@uft.edu.br](mailto:elizangelamattos@uft.edu.br).

## INTRODUÇÃO

A obra do Marquês de Sade reflete um estado no século XVIII francês por ora esquecido de sua tradição, mas que corrobora um autor fundamental para se pensar a oposição requerida para se pensar a consciência da época e de sua vertente a frente de seu tempo, ao denunciar as imposições alheias a natureza e no modo de realização do indivíduo, em especial o libertino, em viver em acordo com sua determinação e sem amarras no espaço fechado da alcova ou dos castelos descritos por ele.

O presente texto tem por objetivo analisar o papel desempenhado pelo espaço fechado na obra de Sade, enfatizando ser nele o lugar de realização do libertino, mas principalmente, o lugar de formação do espírito livre, a fim de possibilitar o enfrentamento com o espalho público e a moralidade estabelecida, tomadas por ele como entraves ao livre curso da experiência humana pautada na experiência e na determinação da natureza.

Influenciado pela filosofia da natureza do Barão de Holbach, o pensamento de Sade toma a natureza como determinante das ações e da diversidade de seres que a compõem, se opondo de maneira radical aos ditames alheios a ela, reagindo fortemente a eles, em um embate muitas vezes motivacional no discurso libertino, pois compreende o preconceito que sua obra busca de maneira incessante superar em nome do espírito livre de preconceitos e seguidor das verdades da natureza.

## 1 SADE, NATUREZA E AÇÃO HUMANA

A determinação da natureza, vale mencionar, permite a Sade realizar uma filosofia de combate: aos entraves das paixões humanas, aos inibidores da realização individual. Para alcançar tal objetivo, ultrapassa a discussão abstrata, oferecendo ao leitor o cunho prático que julgou importante no processo, o indivíduo tal como se constitui, mostrado em todas as suas possíveis dimensões. Sua filosofia da ação, delegada ao esquecimento, implica demonstrar que a natureza, em sua dualidade criar e destruir suas obras, se equilibra em um movimento permanente onde somente ela, a despeito de todo o esforço do libertino em superá-la, poderia sair vitoriosa.

Um autor de seu tempo, um autor avante de seu tempo. De todo modo, como apontou Pauvert: “Interessante farsa da história: seria exatamente ‘em torno das Luzes’ que Sade seria

deixado na sombra. No momento onde a Filosofia passa a ação” (Pauvert, 1989, p.127, tradução nossa).

Cumprir enfatizar que, no espaço fechado da alcova e dos castelos, Sade opera o princípio da natureza em considerar a oposição da virtude, o vício, como parte de sua realização e nesse sentido, se antecipa ao mal, em denunciar a emergência de uma revolução diante de seu reconhecimento.

As sensações do libertino justificam seu ímpeto de felicidade e nesse sentido o obriga a reconhecer a pertinência do mal e das sensações desagradável do ponto de vista social, embora positivas para o interesse particular. A supremacia dos sentidos diante da razão, eis o argumento libertino, de maneira que a composição fisiológica, a determinação da natureza e a dose de energia conferem a ele o estatuto de um espírito livre, em superar os valores morais e a estrutura social (no espaço fechado), lugar de realização e de efetiva liberdade.

O sensualismo é a consequência lógica da evolução materialista. Este argumento afirma a supremacia dos sentidos sobre a razão: é a única maneira que o homem conhece e participa de seu ambiente. O homem vive e evolui de acordo com as impressões que recebe através dos sentidos. Sade retoma a ideia das sensações como a única medida do que o homem percebe e, sobretudo o que pode saber. Mas, o homem descobre também, segundo Sade, que seus sentidos não têm nada de um ideal romântico. Eles podem ser, ao contrário, violentos e cruéis. (Schmid, 2001, p. 59-60).

Apresentar como o espaço fechado constitui o lugar de realização humana, tanto nas várias possibilidades de usos dos corpos como no desenvolvimento de ideias alheias ao que se apreende no espaço público. A fim de lograr êxito na investigação, concentro-me em *A Filosofia na Alcova e História de Juliette*, bem como da obra do Barão de Holbach, *O Sistema da Natureza*, no propósito em evidenciar a influência deste na obra de Sade, precisamente em seu determinismo natural e de seu decorrente ateísmo.

O espaço público tem o lugar da subversão, do sarcasmo em opor-se a leis da natureza imprimindo ao indivíduo valores alheios a sua própria formação. Desse modo, o espaço fechado ocupa em Sade o lugar de redenção, de efetivo exercício de liberdade, impossível de ser alcançada noutro lugar. Desse modo, Sade enaltece a natureza determinista operando uma inversão quando se toma vício e virtude para uma conduta feliz. É assim que a virtude é reconhecida como alheia a natureza e oportuna ao bem comum e o vício constituinte dele e negativa no espaço público, visto ser este o lugar de operação de todos e não a predileção do egoísmo e, portanto, do indivíduo.

No longo século das luzes, a filosofia da ação professada por Sade foi delegada ao esquecimento, mas sua pertinência é imprescindível para pensar o indivíduo e a própria existência pautada na natureza e sob suas forças. Eis a importância de sua obra, a coragem da denúncia, a emergência em romper com as imposições sociais e morais em nome da natureza humana, imperativa, em última instância. É assim que, “O lugar de Sade na história é de um ser que por excelência, fratura a continuidade. Ele abre a modernidade, ele abre todas as modernidades” (Cryle, 1999, p.509, tradução nossa).

O materialismo de Sade, na preocupação com a verdade, reforça o tempo todo o ímpeto em limpar o indivíduo revelando-lhe a própria verdade, sem o véu da ilusão e do preconceito, destituindo-lhe ideias desnecessárias, pois alheias a natureza. A mudança efetiva, a revolução imprescindível ocorreria com a verdade acessível a todos e não no fomento da ilusão, característica da esfera pública que, sob sua ótica, atuaria em mascarar a verdade em todas as suas esferas, tal como escreveu em *História de Juliette*:

Se aqueles que estão encarregados de instruir e governar os homens tivessem, eles próprios, discernimento e virtude, governá-los-iam bem melhor por meio de realidades do que através de fantasias. Mas, astutos, ambiciosos e corruptos que são, os legisladores acharam, um pouco por todo o lado, que é bem mais simples adormecer os seus povos com fábulas do que ensinar-lhes as verdades...desenvolver-lhes a razão, conduzi-los à virtude através de motivos sensíveis e reais...governá-los, enfim, de uma forma racional (Sade, 2007, p. 40).

Ao tomar a natureza como determinante na vida humana, a obra de Sade corrobora a tese descrita pelo materialismo vigente no século XVIII, mais precisamente a influência de Holbach diante desta concepção. Seguindo a natureza cabe ao homem conhecer seus fundamentos e determinações, pois “está submetido às suas leis; ele não pode livrar-se dela, não pode, nem mesmo pelo pensamento, sair dela.” (Holbach, 2010, p. 31).

A partir desta ideia, a concepção sadiana corrobora que as verdades do indivíduo estão somente na natureza, de maneira que a moral, as imposições sociais e verdades religiosas constituem, em sua obra, alvos a serem combatidos, pela força de sua palavra. No entanto, como ser possível romper com os atributos constituintes de uma sociedade que, para seu ordenamento, toma por certo verdades que se situam fora da natureza? Há de um lado, a natureza que, ao primar pela verdade, requer que se cumpra seus desígnios e de outro, as exigências que compõem a sociedade e a relação entre os homens.

Se a filosofia deve dizer tudo, nas palavras de Juliette, a heroína que representa o vício, a natureza humana deve dizer tudo, não somente existir e ser adequada aos padrões sociais, mas dita com o elemento principal de cada indivíduo: a palavra.

Uma saída possível, ao embate entre natureza e cultura a luz do contexto sadiano, reside no espaço fechado, onde a partir de suas próprias normas, consegue suprimir a força coercitiva da cultura. Assim, suas personagens afastam-se da sociedade, impondo por vezes que a referência a um elemento normativo do mundo fosse punida, de onde somente fariam para romper, apontar as críticas ferrenhas que, sem pudores, encontrou na prática discursiva uma arma elementar.

Na obra do Marquês de Sade, é presente, a partir do importante papel da palavra, a tese de que o propósito humano está atrelado ao prazer, mais ainda, ao corpo livre, a mercê do próprio indivíduo e as dimensões, ditas infindáveis, do desejo. As dimensões do desejo de cada indivíduo se presentifica certamente em acordo, ou considerando a liberdade, os medos, preconceitos e os valores.

Em *A Filosofia na Alcova*, onde descreve o processo de reeducação de uma jovem de quinze anos, Eugénie, Sade aponta como a ausência de preconceitos permite ao indivíduo uma liberdade maior de seu corpo. Liberdade que encontra seus efeitos no prazer, na satisfação de um desejo. Por isso é fundamental em Sade enfatizar o espaço fechado como primordial para este processo. Deste modo, ele situa-se no centro da possibilidade do dever algo, dever o prazer do outro. Assim acontece em *A Filosofia na Alcova*, onde os libertinos reunidos atendem ao processo de formação da jovem Eugénie e somente dela.

A palavra sadiana, ao permitir tudo, ao romper efetivamente com o velado da natureza humana, remete seus leitores ao enfrentamento entre natureza e cultura. Na alcova pululam formas de romper com o estabelecido, como se constituíssem dois mundos possíveis ao indivíduo, o da natureza e o da cultura. Remetendo a filosofia ao espaço da alcova, Sade toma a palavra para tomar tudo como dizível.

## **2 O ESPAÇO FECHADO**

O espaço fechado, local de realização da reeducação da jovem Eugénie, se organiza a partir dos ditames do libertino, que organiza e estabelece regras próprias para o grupo ali reunido.

A fim de demonstrar a verdade e de permitir seu acesso ao libertino, Sade opera o afastamento dele da sociedade, para enaltecer a verdade, separando-a das imposições sociais, prejudiciais a felicidade individual professada por ele e em acordo a natureza de cada um. Desse afastamento decorre também uma inversão considerável quanto a natureza, pois ao apreender ser ela livre de juízo de valor, considera que para ela não existiriam, por conseguinte, os juízos bem e mal, mas que estes seriam decorrentes das normas e valores morais. É dessa forma que Sade demonstra a natureza em sua potência, de criar e destruir as suas obras, onde o libertino, sem se preocupar com o futuro, busca incessantemente a felicidade imediata do prazer da matéria. Curvar-se a natureza pela impotência em superá-la ou mesmo, buscar superar suas forças no momento imediato do prazer. Sem juízo de valor, podemos compreender nela o princípio de criar-destruir, portanto não seria ela benevolente com suas obras, tal como apontou Almani em *A Nova Justine*, em uma clara revolta diante a natureza:

Estude-a, segui-a, esta natureza atroz, você a verá criar para destruir, não chegar aos seus fins pelos assassinatos, e engordar, como o Minotauro, que da desgraça e da destruição dos homens. Que estima, que amor você poderia ter por uma força igual, onde os efeitos são sempre dirigidos contra você? (Sade, 1988, p. 778, tradução nossa).

Mas a revolta do libertino também denota sua impotência, em ter de seguir a natureza sem reservas, almejando operar um mal maior, como a confrontar a criadora. Ao desvelar as nuances da moral, ele confronta a natureza ao passo que demonstra a verdade da natureza humana.

O extremismo de Sade busca responder a questão do mal interior: o mal não é senão a manifestação da natureza (não é nem castigo divino nem destino trágico), ele não pode enraivecer o homem e a esposa, ele se revela em toda sua animalidade. O homem carrega seu potencial e todo sistema moral é uma pobre máscara sobre essa verdade (Schmid, 2001, p. 87, tradução nossa).

A filosofia sadiana se realiza de maneira efetiva no espaço fechado, demonstrando a impossibilidade de atrelar o interesse individual no espaço público, permeado de valores alheios a natureza. Ademais, em permitir a existência do mal, do crime, a natureza atuaria efetivamente em equilibrar sua criação, pois a conduta virtuosa destoa completamente de seu intento último. Se há a inclinação para uma conduta moral distinta da virtuosa, foi ela mesma, a natureza, a permitir sua existência.

Para que a natureza grava em nós essas inclinações? Que missão é essa? Que papel o crime desempenha na economia do universo? Ao considerar o conjunto dos textos, parece que este papel é duplo. Por um lado, um corte instantâneo, o crime é um agente de equilíbrio: sua função é sincrônica; de outro modo, substituído no tempo, ele faz uma limpeza geral, dando a natureza o direito em criar novas formas; sua função diacrônica é a de um transmutor (Deprun, 1968, p. 196, tradução nossa).

Recai no indivíduo a natureza determinista, efetivamente. No interior da alcova, a diversidade de seres que compõe a natureza e o modo de prazer se evidenciam no processo de aprendizagem da jovem Eugénie. E no curso livre das paixões, a justificativa lhe fora explicada por Dolmancé ao afirmar que: “Todas estão na natureza, ao criar os homens, agradou-lhe diferenciar seus gostos como seus rostos, e não devemos nos espantar mais com a diversidade que ela colocou em nossos traços do que com a que colocou em nossas afeições” (Sade, 1998, p. 43).

Estando na natureza, qual seria a responsabilidade do libertino em atuar em acordo aos seus interesses? O espaço fechado lhe confere a liberdade de ser e atuar na formação que prime pela verdade do indivíduo. Nesse sentido, a educação libertina resulta do conhecimento da natureza pelo libertino, assim como as dimensões do desejo e do conflito inerente entre natureza e moralidade. Somente o libertino poderia atuar no processo formador, em retirar os prejuízos do preconceito outrora fortemente arraigados, a fim de naturalizar o ímpeto pelo prazer como condição última do ser. É desse modo que transgredir as leis e os preconceitos constituem a atuação do libertino, em favor da verdade, as custas do que fosse. “Os personagens do ‘divino marquês’ transgridem as leis estabelecidas – tabus morais e estéticos – levados pela ideia de tudo negar para constituir-se como deuses despóticos sobre as ruínas do mundo que contestam” (Barguillet, 1981, p. 163, tradução nossa).

A ideia nesse sentido é subverter a ordem estabelecida, colocando sem dúvida outra no lugar, mas com um ímpeto de verdade e compromisso com ela que a sociedade libertina opera uma ruptura com o mundo exterior, compreendido como ilusório e com valores alheios à natureza. A ação do libertino atua sobre a vítima e sobre a superação dos preconceitos. Seria imperativo uma revolução de valores, de costumes, mas para tanto, seria também necessária uma alta dose de energia entre todos para alcançar esse intento. Daí que, “A Revolução é um tempo de exaltação. Ela exige caráter, energia, grandes esforços” (Delon, 1988, p.418, tradução nossa).

Somente o libertino poderia alcançar o ímpeto da revolução. E no espaço fechado ele se configura como o mestre condutor de todas as ações, determinando os próximos passos-cenas, de modo a conduzir o outro em direção a verdade de si mesmo.

O individualismo libertino é o dos mais fortes, o indivíduo autárquico que explora brutalmente a situação solitária dos seres humanos. O mais forte tem uma ação negativa que, visando a dominação, ver a devoração do outro, é suposto ser gerador da totalidade existencial a qual aspira o homem de poder. Na sua busca por felicidade, o herói sadiano é aquele que precisa da violência para dizer “eu” (Fauskevåg, 2001, p. 12, tradução nossa).

O tudo dizer do libertino é realizado da forma crua da natureza, sem adornos e subterfúgios. Por ter o mérito da palavra, realiza o movimento dos corpos, da prática discursiva e opera de maneira incessante a qualquer possibilidade de inércia (característica da vítima). É assim que

O libertino não cessa de filosofar – é um movimento sempre a recomeçar, pois ele fala da incapacidade de parar e a vertigem de ser pego em dizer – apenas para se liberar (se libertinar) de uma teia conceitual que iria bloquear os efeitos retroativos de uma livre energia do discurso (Thomas, 1978, p.73, tradução nossa).

O movimento inerente a matéria encontra no libertino sua representação máxima e no espalho fechado ele ocupa todas as possibilidades de inércia com sua atuação permanente, do corpo e dos usos da fala pois, “O libertino aprecia as palavras que contam suas invenções e esse prazer verbal desencadeia por sua vez, novas torpezas. A excitação da palavra e do gesto é recíproca e ininterrupta. Tão logo dizem que é preciso fazer, tão logo fazem para dizer” (Châtelet, 1981, p. 27, tradução nossa). A liberdade da ação se efetiva no espaço fechado, de onde os libertinos podem olhar o mundo de fora com a segurança da natureza e suas determinações. É dessa forma que as digressões, a ação efetiva, as pausas conscientes denotam um grupo no movimento inerente da natureza, de onde a ação livre seria a característica fundamental.

## CONCLUSÃO

O espaço fechado permite o efetivo exercício da liberdade e, portanto, da ação. A realização libertina compõe-se como uma máquina destinada ao movimento e ao prazer, junte-se a isso o ímpeto pela formação de espíritos livres de preconceitos e alheios a toda forma de preconceito. Eis a justificativa para o êxito na libertinagem de Juliette e Eugénie, ambas formadas no ímpeto do espírito livre, realizadoras do projeto libertino, ou seja, elas têm por um lado a dose de energia necessária, uma configuração que lhes permite alcançar a liberdade de se movimentar em acordo com a própria natureza, sem os véus da moralidade imposta.

A diversidade de seres que compõem a natureza, considerando a base filosófica de Holbach presente na obra de Sade, corrobora a tese de seres com demandas distintas a fim de alcançar o intento do prazer, da realização individual, que se sobrepõe para o libertino sobre todos os demais que não estariam preparados para esse fim. “Todas estão na natureza. Ao criar os homens, agradou-lhe diferenciar seus gostos como seus rostos, e não devemos nos espantar mais com a diversidade que ela pôs em nossos traços do que com a que pôs em nossas afeições” (Sade, 1999, p. 56).

Cumprir de maneira efetiva no espaço fechado, a emancipação dos costumes, tendo em vista a realização do libertino. Mas essa emancipação será alcançada somente por ele, haveria limites para esse alcance por isso exatamente o papel do espaço fechado como condição de liberdade dos costumes, dos valores e do reconhecimento do modo de existir sem os entraves alheios a natureza.

A efetiva liberdade somente poderia ser alcançada no espaço fechado soa curioso, pois implica que todos possam acessar essa verdade, em decorrência das limitações de ordem natureza (a determinação físico química, a dose de energia) e das imposições morais, determinantes para o funcionamento da sociedade. No propósito de tudo dizer, o Marquês imprime uma linguagem que busca alterar o estabelecido de modo a usurpar a moral vigente, dando lugar ao uso frequente de palavras alhures proibidas, normalizando seus usos sem nenhum impedimento. Desse modo, a linguagem empregada cumpre o papel de superar o estabelecido, reconhecendo a pertinência do vício como parte constituinte da natureza, outrora isenta de valor, mas ao mesmo tempo, fonte de toda diversidade de seres que a compõem.

O espaço fechado de Sade cumpre a realização de um mundo paralelo, onde os libertinos se abrem para a realização de si dialogando e usurpando as normas vigentes. Desse modo, o espaço público compreende, sendo aberto, o lugar de aprisionamento, de submissão às normas e valores nem sempre concordantes a natureza. A inversão operada por Sade permite a realização libertina no espaço fechado, onde ele se realiza à exaustão: dos corpos, do discurso que se encerra e se inicia novamente, sem poder, no entanto ultrapassar a paredes da alcova e do castelo, metáfora para não poder superar a natureza? Para se declarar submetido a ela, a despeito de todos os esforços em superá-la? Resta a superação do mundo exterior, lugar de imposições fortuitas, cumpre o distanciamento necessário para a realização individual e a formação do espírito livre. Inversão, pois a liberdade se realiza no interior do espaço fechado, de onde a energia se dissipa até a exaustão. Ao se fecharem, os libertinos se libertam,

representando a efetiva existência distante da esfera pública, sem máscaras e subterfúgios, sem amarras e freios alheios a natureza.

O processo pedagógico de formação de Eugénie, em *A Filosofia na Alcova* tem de um lado, os preceptores em um nível de preparo e dedicação total à aluna que, por sua vez, logra êxito no processo por estar preparada, ela dispõe de condições para alcançar o espírito libertino e por ter essa inclinação, lhe faltariam as *aulas libertárias* que em um curto espaço de tempo lhe confeririam a condição de uma libertina, um espírito que, tal como uma flor, que foi liberta dos espinhos<sup>1</sup>, foi-lhe realizada uma limpeza de valores e preconceitos para uma existência livre.

O espaço fechado permite de maneira efetiva a realização libertina. É nele que se cumpre a filosofia do *tudo dizer*, em um movimento de superar os preconceitos e as imposições alheias a natureza. Nele a liberdade da ação acontece em acordo com a experiência e as necessidades do espírito livre, que se olha para o lado de fora, é para dirigir fortes críticas em um ímpeto de ruptura necessário. O libertino se fecha para se libertar, eis o desafio de sua realização. Ele não poderia romper com a moralidade estando submerso nela, mas somente a distância foi-lhe possível empreender a liberdade para uma ação em acordo a uma liberdade de valores e de ação.

A existência libertina, para efetivamente se fazer valer na integridade, requer o espaço fechado, onde o véu da moralidade se retira de forma violenta e constitui alvo de enfrentamento. É assim que se pode ler em *A Filosofia na Alcova*, na fala da preceptora e libertina Saint-Ange, dirigindo-se a jovem Eugénie: “Enquanto as leis continuarem sendo o que são, devemos usar certos véus, a opinião obriga-nos a isso. Mas compensem-nos, em silêncio, dessa cruel castidade que somos forçadas a manter em público” (Sade, 1999, p. 48). Em uma outra passagem, ela afirma o império da natureza: “Toda lei humana que contraria as da natureza só merece o nosso desprezo” (Sade, 1999, p. 55). Em Sade, o espaço fechado compreende a liberdade da ação, da verdade do ser, de onde ele não pode sair ileso, nem mesmo os seus leitores e os estudiosos do longo século XVIII.

## REFERENCIAS

BARGUILLET, Françoise. **Le Roman au XVIII Siècle**. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.

CHÂTELET, Noëlle. **Préface a Justine ou les Malheurs de la Vertu**. Paris: Gallimard, 1981.

---

<sup>1</sup> A metáfora dos espinhos como os preconceitos a serem combatidos, aparece em uma fala de Dolmancé, em *A Filosofia na Alcova*, sobre o processo de formação da jovem Eugénie ao dizer: “Que prossiga assim seu caminho, com rapidez, e todos os espinhos serão colhidos; só restando as rosas”. Conferir Sade (1999, p. 60)

CRYLE, Peter. État Présent de la Critique Sadienne. *In: Dix-Huitième Siècle, “Sciences et Esthétique”*. Paris: PUF, n. 31, 1999, p. 507-524.

DELON, Michel. **L’idée d’énergie au tournant des Lumières (1770-1820)**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

DEPRUN, Jean. Sade et la Philosophie Biologique de Son Temps. *In: Le Marquis de Sade*. Centre Aixois D’études et de Recherches sur de Dix-Huitième Siècle. Paris: Librairie Armand Colin, 1968.

FAUSJEVAG, SVEIN-Erik. **Sade ou la Tentation Totalitaire** – Étude sur l’anthropologie littéraire dans la Nouvelle Justine et l’Histoire de Juliette. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2001.

HOLBACH, Barão de. **Sistema da Natureza** ou as leis do mundo físico e do mundo moral. Tradução de Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PAUVERT, Jean-Jacques. **Sade Vivant 2 (1777-1793)**. Paris: Éditions Robert Laffont, 1989.

SADE, Marquês de. **História de Juliette** ou as Prosperidades do Vício. Tradução de Rui Santana Brito. Lisboa: Guerra e Paz Editores, 2007.

SADE, Marquês de. **A Filosofia na Alcova** ou os Preceptores Imorais. Tradução, posfácio e notas de Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SADE, Marquês de. **Oeuvres III**. Paris: Gallimard, 1998.

SCHMID, Muriel. **Le Soufre au bord de la Chaire** – Sade et l’Évangile. Genève: Labor et Fides, 2001.

THOMAS, Chantal. **Sade, la Dissertation et l’Orgie**. Paris: Éditions Payout, 1978.